

O Acervo da Biblioteca de Obras Raras (CDAPH-USF)

*Cleonice Aparecida de Souza**
*Frei Orlando Bernardi, OFM***
*Maria de Fátima Guimarães Bueno****

A Biblioteca de Obras Raras da Universidade São Francisco reúne publicações centenárias, livros, obras de referência (dicionários, enciclopédias, catálogos, etc.), censos estatísticos e periódicos (nacionais e internacionais), relevantes à memória das políticas públicas de nosso país e história da educação brasileira.

Os livros que deram origem à Biblioteca de Obras Raras pertencem às diferentes áreas do conhecimento, chegaram em quantidade variada e se encontram em estados distintos de conservação. Se, por um lado, tal fato tem exigido uma vasta gama de procedimentos voltados à organização e preservação do acervo, por outro, um olhar mais atento ao que parecia um amontoado disforme, por vezes, sem salvação, de papel velho e embolorado nos permitiu localizar obras raras e preciosas.¹

Podemos identificar a origem do acervo da Biblioteca de Obras Raras em dois momentos. O primeiro diz respeito ao recebimento de livros oriundos de bibliotecas

franciscanas e o segundo, a doações de acervos ao CDAPH (Centro de Documentação e Apoio à Pesquisa em História da Educação) da Universidade São Francisco.

É necessária uma breve referência às bibliotecas franciscanas para pontuarmos a origem de parte do acervo da biblioteca de obras raras.

I. Origem

Os frades franciscanos que se estabeleceram em terras brasileiras desde o descobrimento têm como norma zelar pela constante renovação intelectual de seus membros. Por isso, em cada casa que os abriga há sempre espaço reservado para a biblioteca, com a designação de um frade como bibliotecário que zela pela manutenção, preservação e aquisição, tendo em vista a atualização permanente dos confrades. É de se imaginar então como, com o andar do tempo, muitas obras foram enriquecendo

* Coordenadora do Sistema de Bibliotecas da Universidade São Francisco.

E-mail para correspondência: cleo@saofrancisco.edu.br

** Coordenador da Biblioteca de Obras Raras.

E-mail para correspondência: orlando@saofrancisco.edu.br

*** Coordenadora do Núcleo de Gestão do Acervo do CDAPH.

E-mail para correspondência: fatimaguimaraes@saofrancisco.edu.br

as bibliotecas, acrescentando-se ainda que um Convento como o de Santo Antônio (RJ), que data de 1750 e por longos anos foi um centro cultural notável, tenha colecionado um montante razoável de livros. É verdade que muitas das obras dessas casas franciscanas foram reunidas numa biblioteca central que se encontra em Petrópolis. Apesar disso, muitas outras ainda permaneceram nas respectivas casas.

Por ocasião do Concílio Vaticano II (1962-1965) deu-se início a um grande período de renovação religiosa em todos os setores da vida eclesial do Brasil. Esse espírito renovador penetrou em todos os ambientes e casas da Província Franciscana do Sul do Brasil. Os frades sentiram a necessidade de renovar também as bibliotecas. Novos livros foram sendo adquiridos e em algumas casas em razoável quantidade. Na maior parte das bibliotecas, porém, as estantes estavam lotadas de livros que, na visão da maioria dos frades, já não mais ajudavam nos serviços religiosos que estavam sendo prestados.

A partir desse momento iniciou-se em grande parte dessas bibliotecas a seleção e o descarte dos livros mais antigos. Foi então que, pelo anos de 1985-1986, Frei Constâncio Nogara, reitor da Universidade São Francisco, pediu que as casas não se desfizessem dos livros, mas os enviassem para a Universidade. Os livros que chegaram, em grande quantidade, foram colocados, sem ordem, em estantes e espaços que mais serviam como depósito. Um bibliotecário tomava conta dos locais e tentava organizar, sumariamente, o acervo.

As obras do acervo encontravam-se ao alcance de qualquer pessoa em um espaço contíguo ao setor de seleção. Dispostas aleatoriamente em estantes de madeira, muito próximas umas das outras, em um ambiente com teto baixo, pouco ventilado e iluminado, em um lugar distante do câmpus universitário. O acervo estava como que oculto e inacessível ao universo acadêmico, como que deixado ao acaso. Houve ocasiões em que algumas obras quase foram descartadas como material velho, dada a idade e precárias condições de preservação dos livros.

O conto *A Carta Furtada*,² de Edgar Allan Poe, pode ilustrar, em certa medida, a trajetória e iniciativas voltadas à prospecção e garimpagem de obras raras e preciosas do acervo oriundo de outras bibliotecas franciscanas, levadas a cabo por alguns pesquisadores da Universidade São Francisco.

Poe nos relata as artimanhas de um chefe de polícia parisiense no esforço de recuperar, como o próprio título indica, uma carta furtada. Na tentativa de encontrá-la, ele não mede esforços. Incansável, vasculha a casa do autor do furto, arma emboscadas, recorre a todas as estratégias e subterfúgios possíveis que estão ao seu alcance. Ao término de alguns meses, procura por seu amigo Dupin e lhe relata o fato, que ao seu ver é “*simples e esquisito*”, porém, até aquele momento, insolúvel. O amigo ouve com atenção. Passado algum tempo, o chefe de polícia retorna a casa de Dupin, contrafeito ainda com o caso da carta. Qual não foi sua surpresa, quando este lhe entrega a carta que tanto procurava. Para um espectador atônito com o desfecho

do caso, pois havia presenciado a primeira visita do chefe de polícia, Dupin esclareceu como resolvera o caso. Considerando que o autor do furto era um matemático e poeta, concluiu que este, para poder driblar o chefe de polícia, com toda a sua parafernália e eficiência, teria “... *apelado para o expediente compreensível e sagaz de não tentar ocultá-la absolutamente*” (Poe, 1981, p. 184). Assim, enquanto o chefe de polícia procurava pela carta incansavelmente, esta encontrava-se em um porta-cartões, ao alcance das mãos de qualquer um que não procurasse por algo “*oculto e inacessível*”, sem exigir mirabolantes estratégias para ser localizado.

A prospecção e garimpagem no acervo permitiu a localização das obras raras que irão compor a Biblioteca. Estas não estavam ocultas e nem inacessíveis, são vestígios de épocas distantes, dadas como inexistentes e perdidas. E foram localizadas pelo empenho arqueológico de alguns, que pacientemente delinearam a cartografia de um acervo inestimável, mapeando suas descobertas e achados, rastreando o que se tornara insondável. Estavam guardadas em lugar impróprio, destituídas de *aura*³ por olhares desatentos ao valor de uma biblioteca. Hoje, essas obras pertencem à Biblioteca de Obras Raras.

Nesse sentido, é promissora a interface de trabalho constituída entre o Sistema de Bibliotecas, a Biblioteca de Obras Raras e o CDAPH, visando à organização, preservação e ao acesso do acervo. Parece-nos oportuno retomar algumas considerações⁴ sobre acervos bibliográficos.

Uma biblioteca é um espaço de ação cultural que ao disponibilizar um acervo é capaz de revelar a trajetória, a memória e a identidade da instituição ou pessoa que lhe deu origem. Um observador mais atento, num movimento de aproximação e reconhecimento, pode perceber a política de aquisição/seleção/descarte que originou e configura o acervo, bem como as práticas e concepções que perpassam o delineamento de uma dada cartografia para recuperação e disseminação da informação mediante a lógica que orientou a elaboração de seus instrumentos de consulta.

Vamos recorrer à mitologia grega para dirimir dúvidas em relação ao que dissemos. Assim foi que, Teseu, ao enfrentar o Minotauro, empregou uma estratégia para não se perder entre os corredores do labirinto de Creta. Ariadne, sua amada, deu-lhe um novelo de lã. Teseu, enquanto ia caminhando, desenrolava o fio por entre os corredores do labirinto, registrando sua trajetória numa dada direção, procedimento que lhe permitiu derrotar o monstro e encontrar a saída de volta.

A metáfora do labirinto pode ser identificada na prática de diferentes profissionais, mas com certeza ganha vigor junto àqueles que trabalham com a gestão da informação. A metáfora do labirinto serve de alerta para profissionais incautos que se imaginam privilegiados ao tomar para si a responsabilidade de garantir o acesso e a disseminação da informação, se autoproclamando de forma simultânea – arautos e guardiões do conhecimento. Ao nosso ver,

é necessário estar sempre vigilante acerca da origem e natureza desse conhecimento, suas implicações sociais, políticas e culturais.

Ainda, essa metáfora nos alerta ao perigo de restringir ou conceber o acesso ao labirinto, a um acervo bibliográfico através de uma trajetória única, de um fio condutor absoluto, universal e predeterminado pelas leis da biblioteconomia. Sob tal perspectiva, além de observá-las, é preciso fomentar a integração e a interlocução contínuas entre os diferentes membros da comunidade acadêmica. Se, assim não tivesse sido, muitas das obras que compõem e irão compor o acervo da Biblioteca de Obras Raras teriam sido descartadas.

Não há como negar o prazer para alguns de caminhar por entre as estantes, como estrangeiros em terras desconhecidas, pelo simples desejo de colher impressões, talvez, tocar os volumes, identificar obras conhecidas, sentir o cheiro do papel, dispondo as representações e percepções do acervo num quebra-cabeças imaginário, num jogo criativo. Tecendo nexos entre realidades distintas com base em matizes infinitos de informações, registradas em papel e formas variadas.

A par dessas imagens, Benjamin⁵ pode nos ajudar a refletir sobre a idéia daquele que caminha em busca de informação e/ou referência como uma pessoa qualquer em uma biblioteca; daquele que deseja entender, conhecer e memorar. Ele dá luz à dramaticidade da busca, ao se referir àquele que caminha, como se estivesse perdido por entre ruas e lembranças, ao longo de sua

trajetória. O sujeito que caminha por entre registros (escombros?) de identidade e memória busca algo capaz de o redimir, em última instância, de sua condição humana e morte certa, por meio do conhecimento e compreensão da realidade. Enfim, um sujeito para quem

... o lembrar não visa a descrição do passado “como de fato foi”, mas a sua retomada salvadora na história presente. Um sujeito, podemos acrescentar, que não fala de si para garantir a permanência da sua identidade, mas que, ao contar sua história, se desfaz de representações definitivas e ousa afirmar-se na incerteza... evoca a imagem da sua vida como a de um labirinto cujo “centro enigmático” é a morada do “eu” ou do “destino”, pouco importa. Com efeito, pouco importa, pois o destino só é o itinerário do eu à busca de si mesmo pelos caminhos da alteridade. Este trabalho de busca e de memória (Erinnern) se abre, igualmente, à dispersão do esquecimento e não produzirá nenhuma visão imutável do passado, mas pelo contrário, uma desorientação positiva: Assim o labirinto... é no espaço aquilo que é no tempo

a lembrança (die Erinnerung), que procura no passado os signos premonitórios do futuro. (Gagnebin, 1999, p. 91)

As bibliotecas, vitrines do saber, são simulacros que resguardam a nossa impotência diante do desejo de tudo decifrar, conhecer e poder, e nos indicam a fugacidade de nossas certezas. Portanto, exige cautela a tentativa de aprisionar o fascínio que um acervo bibliográfico exerce entre leis e procedimentos voltados tão-somente para atender à demanda dos usuários. Mais do que meras repositórias do conhecimento, são espaços por excelência de referência, como reafirmamos, para construção/reconstrução do conhecimento sempre relativo e parcial.

Ainda, a origem do acervo da Biblioteca de Obras Raras pode ser pontuada nas doações de acervos pessoais ao CDAPH. Estas doações talvez tenham sido motivadas por vários sentimentos, dentre os quais: a percepção da importância dos documentos que cederam ao CDAPH como fontes à pesquisa e memória de uma época, ou misto de saudade e respeito por aqueles a quem pertenciam os materiais doados ou, até mesmo, quem sabe? à mera necessidade de desocupar um espaço físico, antes ocupado por tal material. Dessa última suposição decorre uma questão, por que então essas pessoas simplesmente não descartaram o material doado, não jogaram no lixo?

Questão que parece banal. Porém, se a tomarmos como um indício, ela é prenhe de significados, que merecerão em outra ocasião maior detalhamento de nossa parte.

Pois, o que pode significar doar um acervo para um centro de documentação e pesquisa? O que pode estar inscrito nessa atitude? Ao se indicar a origem dos conjuntos documentais doados, não estaria sendo forjada *a priori* uma distinção a mais para validar a lembrança e referência desta ou daquela pessoa – no sentido de postular seu lugar num espaço “privilegiado” de memória, os centros de documentação e/ou entidades congêneres?

Será que o ato de doar acervos poderia indicar uma prática particular de produção e transmissão da memória? Ao evocar para o doador o direito de distinção, não se outorgaria por extensão também tal direito aos que lhes foram próximos? Quem sabe, até mesmo a promessa da lembrança eterna àquele a quem pertencia o acervo doado? Esse fato poderia ser considerado indício de produção e perpetuação de uma dada memória à história, por parte de entidades destinadas à preservação de acervos documentais?⁶ Tal indício legitimaria uma reflexão acerca da natureza dessas entidades? Enfim, seus acervos seriam tão-somente, ruínas predestinadas ao futuro?

II. A Biblioteca de Obras Raras

O Decreto-lei nº 25, de 30 de novembro de 1937, autorizava a ingerência do Estado na preservação dos bens móveis e imóveis que constituem o patrimônio cultural do país, traduzindo

o projeto de órgãos federais da área do Patrimônio Histórico que se sucederam nas últimas cinco décadas, os quais privilegiaram as políticas de preservação arquitetônica do monumento de pedra e cal.
(Jardim, 1995, p. 80)

A par dessa realidade, consideramos que as iniciativas de preservação de obras raras e preciosas pelas instituições universitárias são de fundamental importância para o país. Embora o Decreto nº 65.347, de 13 de outubro de 1969, regulamentando a Lei nº 5.471, de 9 de julho de 1968, que dispõe sobre a exportação de livros antigos e conjuntos bibliográficos, trate da importância da preservação dessas obras, temos a impressão que são poucas e louváveis as iniciativas voltadas para esse objetivo no panorama nacional.

A criação da Biblioteca de Obras Raras foi simultânea à implementação de estratégias adotadas no sentido de sensibilizar a comunidade acadêmica para a importância da preservação e zelo pela integridade do acervo de obras raras. Camargo, ao tratar de centros de documentação das universidades e de seus usuários, fez uma colocação que, a nosso ver, se aplica também às bibliotecas de obras raras. Segundo a autora, é necessário sensibilizar o usuário, o pesquisador

... para as possibilidades de um outro tipo de envolvimento no trabalho ali desenvolvido, que serão fundamentais, daqui por diante, para o

avanço e o crescimento da produção intelectual no campo das ciências humanas, no Brasil. A necessidade de construir bases sólidas de informação impõem-se, no mundo contemporâneo, como condição indispensável ao desenvolvimento científico e cultural, sob pena de comprometer a produção acadêmica no que se refere à sua inserção num circuito informacional mais amplo, nacional e internacional.
(Camargo, 1999, p. 49)

A Biblioteca de Obras Raras irá dispor de instalações necessárias à preservação, conservação e restauração do acervo, contará com climatização e iluminação adequadas. No momento, está depositada em espaço amplo e arejado, aguardando novas instalações.

Levando-se em conta que são vários os fatores que contribuem para a ocorrência de danos, muitas vezes irreparáveis, em tais obras, os procedimentos necessários para a higienização, organização, conservação e preservação do acervo já tiveram início. Algumas obras encontram-se em condições precárias para manuseio e consulta, devendo receber tratamento técnico para sua restauração. Vale lembrar que restauração é um trabalho delicado e complexo, que exige profissionais qualificados, material específico e de qualidade.

Ao tratar das dificuldades que envolvem a implantação de programas de preservação decorrentes da carência de conhecimentos acerca das políticas, procedimentos e processos destinados a evitar ou minimizar sobremaneira a deterioração do material, Silva afirma que é estratégico, nesse cenário, distinguir entre

... a importância do conteúdo e a importância do artefato ... no centro vital de um processo de tomada de decisão que, por si só, é fundamental para um gerenciamento eficaz. Gerenciamento de preservação envolve um progressivo processo reiterativo de planejamento e implementação de atividades de prevenção (mantendo, por exemplo, um ambiente estável, seguro e livre de perigos, assegurando ação imediata em caso de desastres e elaborando um programa básico de manutenção do nível das coleções) e renovação de atividades (empreendendo tratamentos de conservação, substituindo o conteúdo do acervo da biblioteca ou microfilmando-a, por exemplo). (Silva, 1998, p. 3)

Atentos a essa observação, ao longo do processo de definição dos critérios para selecionar os livros que irão compor a Biblio-

teca de Obras Raras,⁷ tivemos o cuidado de realizar uma criteriosa pesquisa junto aos órgãos e profissionais especializados na área, além de levar em conta as particularidades do acervo em questão.

Os critérios que orientaram a formação do acervo da Biblioteca de Obras Raras foram os seguintes:

- relatos de viajantes estrangeiros dos séculos XVIII e XIX;
- obras jurídicas e teológicas dos séculos XVI a XIX;
- edições em diferentes suportes, personalizadas e numeradas;
- obras esgotadas e desaparecidas;
- edições fac-similares;
- as primeiras edições de autores clássicos de diferentes áreas do conhecimento;
- edições censuradas;
- teses defendidas até o final do século XIX;
- periódicos estrangeiros e nacionais dos séculos XIX e primeiras décadas do século XX;
- periódicos brasileiros técnico-científicos do mesmo período.

Com o intuito de criar um catálogo de referência para o pesquisador especializado em História da Educação definimos algumas coleções temáticas. Estas se abrem a novos campos de pesquisa da memória das políticas públicas do país e em história da educação brasileira. Destacamos a seguir as coleções temáticas:

– Coleção intelectuais brasileiros

Reúne publicações de intelectuais brasileiros, como Alberto Torres, Alceu Amoroso Lima, Anísio Teixeira, Anfriso Fialho, Antonil, Antonio

Candido, Assis Brasil, Caio Prado Jr., Capistrano de Abreu, Carneiro Leão, Euclides da Cunha, Fernando de Azevedo, Francisco Campos, Gilberto Freyre, Joaquim Nabuco, Jonathas Serrano, Leôncio Basbaum, Nestor Duarte, Oliveira Vianna, Paulo Prado, Plínio Salgado, Primitivo Moacyr, Rocha Pombo, Rui Barbosa, Sérgio Buarque de Holanda, Sílvio Romero. Ainda, este conjunto conta com a coleção completa da Brasileira

– Coleção fontes para história e memória da educação brasileira

Reúne fontes diversas, tais como: anais, boletins, atlas, recenseamentos, pareceres, legislações, dentre outras.

– Coleção Frei Pedro Sinzig, OFM (1876-1952)

Reúne obras publicadas por Frei Pedro Sinzig, OFM, destacando-se aquelas voltadas à música, os periódicos com os quais ele colaborou e as coletâneas publicadas e organizadas por seus colaboradores. O acervo desta coleção relaciona-se à memória do ensino religioso no Brasil.

– Coleção Periódicos

Reúne revistas, boletins, jornais, anuários e almanaques. Seus títulos pertencem, em sua maior parte, ao período que se estende de fins do século XIX à segunda metade do século XX. Esta coleção foi formada com mate-

rial garimpado no acervo dos franciscanos e também por doações. Possui alguns títulos internacionais, destacando-se a existência dos periódicos nacionais *Fon-Fon*, *Careta*, *Revista da Semana*, *Vozes*, *A Ordem*, *Educação e Ciências Sociais*, *Revista Escolar*, *Archivos do Museu Nacional*, *Boletim do Museu Nacional*.

– Coleção livros didáticos

Reúne livros didáticos das diferentes disciplinas escolares, autores e períodos. Muitos dos quais editados em fins do século XIX e início do XX. Esta coleção se constitui em fonte significativa à história das disciplinas.

– Coleção Saúde e Higiene

Reúne publicações que versam sobre saúde pública, medicina legal, sexualidade, questões sanitárias, eugenia, dentre outros temas. Esta coleção se originou da doação do acervo de dois médicos.

III. Acesso e consulta à Biblioteca de Obras Raras

O acervo da Biblioteca de Obras Raras encontra-se:

- aberto à consulta com acesso restrito;
- acesso vedado temporariamente.

A consulta desse acervo pressupõe orientação e autorização prévias do

responsável. As reproduções e empréstimos de obras não são permitidas, visando salvaguardar a integridade das publicações.

¹ MINDLIN, José. Obras raras: Inep recupera coleção do seu acervo. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos - RBEP*, Brasília: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais, ano 79, n. 192, p. 1-4, maio/ago. 1998. A diferenciação entre obras raras e preciosas repousa no caso de as primeiras serem definidas em virtude da escassez de volumes com características idênticas, enquanto as segundas são identificadas nem tanto em razão de sua antiguidade ou número de exemplares disponíveis mas, principalmente, das ilustrações, das anotações que contenha, do material empregado em sua confecção e de aspectos relativos ou subjetivos considerados pelo profissional responsável pela seleção.

² *Ficção completa, poesia & ensaios*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1981. (Biblioteca de Autores Universais).

³ Fazemos referência ao sentido que Benjamin empresta ao termo.

⁴ Algumas dessas considerações foram apresentadas no painel “Gestão da Informação Jurídica”, durante a Semana de Integração no Programa de Mestrado em Biblioteconomia e Ciência da Informação da Pontifícia Universidade Católica de Campinas, em março de 2001.

⁵ BENJAMIN, Walter. *Infância Berlinesse por volta de 1900*. In: *Rua de Mão única*. Obras escolhidas, v. 2. São Paulo: Brasiliense, 1987.

⁶ SILVA (1998, p.1) afirma que foi “... com a grande inundação na cidade de Florença, na Itália, em 1968, — atingindo indistintamente museus, arquivos e bibliotecas e causando uma enorme quantidade de danos nos acervos —, que os restauradores começam a vislumbrar a necessidade de tratamentos para aplicação em massa. A diversidade dos acervos atingidos e o volume de documentos danificados passam a exigir não apenas dedicação exclusiva, intensa, rotineira dos restauradores/conservadores, mas postura e conhecimento interdisciplinares. Naquele momento, a restauração/conservação busca respaldo técnico e científico na química, na biologia, na engenharia dos materiais, Preocupa-se com aspectos filosóficos, éticos, históricos. De um lado, surgem os cientistas da conservação e os centros de pesquisa específicos e, de outro, uma nova ordem de preocupações com a restauração, que passaria a focalizar não só a unidade documental, mas principalmente, o conjunto dos acervos.

⁷ Destacamos SPINELLI, Jayme. *Introdução à conservação de acervos bibliográficos*. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, DEP. Nacional do Livro, 1995 e PINHEIRO, Ana Virgínia T. da Paz. *Que é livro raro: uma metodologia para o estabelecimento de critérios de raridade bibliográfica*. Rio de Janeiro: Presença, 1989.

Referências Bibliográficas

BENJAMIN, Walter. *Infância Berlinesse por volta de 1900*. In: *Rua de Mão única*. Obras escolhidas, v. 2. São Paulo: Brasiliense, 1987.

CAMARGO, Célia Reis. Os Centros de Documentação das Universidades: tendências e perspectivas. In: SILVA, Zélia Lopes da (Org.). *Arquivos, patrimônio e memória: trajetórias e perspectivas*. São Paulo: Editora da UNESP: FAPESP, 1999. (Seminários & debates).

GAGNEBIN, Jeanne Marie. *História e narração em Walter Benjamin*. São Paulo: Perspectiva, 1999.

Cleonice Ap. de Souza, Frei Orlando Bernardi, Maria de Fátima G. Bueno

JARDIM, José Maria. *Sistemas e políticas públicas de arquivos no Brasil*. Niterói: EDUFF, 1995.

LUCCAS, Lucy; SERIPIERRI, Dione. *Conservar para não restaurar: uma proposta para preservação de documentos em bibliotecas Brasília: Thesaurus*, 1995. 128 p.

MINDLIN, José. Obras raras: Inep recupera coleção do seu acervo. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos - RBEP*, Brasília: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais, ano 79, n. 192, p. 104, maio/ago. 1998.

MIRANDA, Antonio. Os conceitos de organização baseada na informação e no conhecimento e o desenvolvimento de serviços bibliotecários. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 22, n. 3, p. 227-232, set./dez. 1993.

PINHEIRO, Ana Virgínia T. da Paz. *Que é livro raro: uma metodologia para o estabelecimento de critérios de raridade bibliográfica*. Rio de Janeiro: Presença, 1989. 71 p.

POE, Edgar Alan. *Ficção completa, poesia & ensaios*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1981. (Biblioteca de autores universais).

SILVA, Sérgio Conde de Albite. *Algumas reflexões sobre preservação de acervos em arquivos e bibliotecas* [online]. Rio de Janeiro: Centro de Memória da Academia Brasileira de Letras. 1998. (Comunicação Técnica, 1). Disponível na Internet: <<http://cecor.eba.ufmg.br/cpba/notas.htm>>.

SPINELLI, Jayme. *Introdução à conservação de acervos bibliográficos*. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, Dep. Nacional do Livro, 1995.

VERGUEIRO, Waldomiro de Castro Santos. Desenvolvimento de coleções: uma nova visão para o planejamento de recursos informacionais. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 22, n. 1, p. 13-21, jan./fev. 1993.